

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O Brasil regido por um “novo” padrão de desenvolvimento capitalista [Brazil governed by a "new" pattern of capitalist development]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Braga, José Carlos
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-26 00:07:23
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162521

O Brasil regido por um “novo” padrão de desenvolvimento capitalista

Entrevista com José Carlos Braga

José Carlos Braga, professor no Instituto de Economia da Unicamp, decidiu tornar pública a sua diferença no modo de ver a conjuntura nacional com relação a alguns de seus colegas economistas da Unicamp. Na entrevista que aceitou conceder por telefone à revista *IHU On-Line*, na manhã da última sexta-feira, ele se contrapõe à opinião de seu colega economista Ricardo Carneiro, que acredita que o Brasil ainda vive numa crise de desenvolvimento desde os anos 1980. Ricardo Carneiro concedeu uma longa e instigante entrevista ao *Jornal da Unicamp* que reproduzimos nas *Notícias Diárias*, no dia 26-5-06, do sítio www.unisinos.br/ihu.

No entanto, o professor Braga afirma que vê esse debate e essa explicitação pública “como uma riqueza do nosso Instituto”. Braga é professor Livre Docente em Economia pela Unicamp e Diretor do Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais dessa mesma Universidade. *Braga publicou, entre outros, o livro **Temporalidade da Riqueza - Teoria da Dinâmica e Financeirização do Capitalismo** : 1. ed. Campinas : Editora do Instituto de Economia da UNICAMP, 2000.* Confira a íntegra da entrevista que contribui para uma análise da situação atual brasileira nos campos da economia e da política.

IHU On-Line - Quais as maiores divergências sobre a realidade brasileira dentro do Instituto de Economia da Unicamp?

José Carlos Braga – Ricardo Carneiro diz o seguinte no Boletim número 7 do Centro de Conjuntura, lançado em abril de 2006: “... a economia brasileira ainda permanece à deriva. (p. 1) ...o padrão Stop and Go, típico dos últimos 25 anos... continuou a caracterizar a economia brasileira no período recente” (pg 17). Pois bem, isso está errado

simplesmente. Minha divergência é a seguinte: a partir de 1994, nós temos no Brasil um padrão de desenvolvimento *capitalista* que superou a crise do desenvolvimentismo que teve vigência entre 1980 e 1994. Esse padrão que aí está não é um padrão que eu goste. Não é um padrão de desenvolvimento furtadiano (de Celso Furtado¹⁶), que é o

¹⁶ **Celso Monteiro Furtado** (1920-2004): bacharel em Direito e doutor em Economia pela Universidade de Paris-Sorbonne, foi o mais importante economista brasileiro e um dos mais destacados

padrão que eu creio que a maioria dos brasileiros gostaria que existisse. Mas nós não vivemos uma infundável crise econômica. No Brasil o padrão de desenvolvimento capitalista é medíocre, de baixas taxas de crescimento e baixa inflação, e precisa ser mudado. Mas, não está à deriva. Os problemas graves são o desemprego e a distribuição da renda, a pobreza e a miséria. A inflação está baixa, não há estagnação econômica, tem superávit de balança comercial. As empresas têm lucro operacional e financeiro. Tem superávit fiscal primário demais. O problema é que é usado para pagar juros demais. O capitalismo não tem compromisso com o emprego, nem com a distribuição de renda e de riqueza, nem com crescimento sustentado.

Já temos um sistema financeiro

Para entender as características desse novo padrão, deve-se entender **primeiro** que temos até um Banco Central que, na prática, já é “independente” por ordem do Presidente Lula. Isso é complicado e até indesejável, mas é mais um sintoma de padrão de capitalismo moderno (sic!) de desenvolvimento, queiramos ou não. **Segundo:** já temos um sistema financeiro “novo”. Alguns colegas da Unicamp, como o professor Carneiro, crêem que ainda temos restrições estruturais tais como “dificuldades de mobilização de recursos pelo sistema financeiro doméstico” (p. 19 do Boletim do Cecon).. Mas, não concordo com isso também. O que falta no Brasil não é oferta de crédito, mas sim demanda de financiamento, falta demanda de crédito. E isso ocorre porque nós não temos uma política vigorosa de investimento público e assim não há **demandas efetivas**

intelectuais do país ao longo do século XX. Suas idéias sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento divergiram das doutrinas econômicas dominantes em sua época e estimularam a adoção de políticas intervencionistas sobre o funcionamento da economia. (Nota *IHU On-Line*)

geral já que o setor privado fica “olhando” e “molhando a mão na liquidez da grana fácil com juros pagos pelo setor público”. Falta demanda de crédito ao sistema financeiro, tanto público quanto privado. Os bancos públicos no Brasil já estão prontos para financiar - BNDES, BB, CEF, BASA, BNB. O que falta é um programa ampliado de investimento, tanto público quanto privado.

Já temos uma moeda nacional

Terceiro: nós já temos uma moeda nacional que está refundada desde 1994. Antes disso, nós não tínhamos moeda, estava tudo monetariamente desorganizado. Era o chamado “dinheiro financeiro”, nas palavras da professora Maria da Conceição Tavares¹⁷. A moeda era indexada, dinheiro dos ricos. A crise monetária e financeira que expressaram a crise do desenvolvimentismo desdobraram-se entre 1979 e 1994. Belluzzo¹⁸ e Julio Sergio Almeida analisaram-nas “definitivamente” no livro *Depois da Queda*¹⁹. Hoje, não é

¹⁷ **Maria da Conceição Tavares** (1930): economista portuguesa naturalizada brasileira. É também professora-titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora-emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Filiada ao Partido dos Trabalhadores, Maria da Conceição já foi deputada federal pelo estado do Rio de Janeiro e é autora de diversos livros sobre desenvolvimento econômico. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Luiz Gonzaga Belluzzo:** professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), doutor em Economia pela mesma instituição em que trabalha com tese intitulada *Um Estudo Sobre a Crítica da Economia Política*. Do professor Belluzzo, *IHU On-Line* publicou um artigo intitulado *Até o FMI já percebeu*, na edição nº 65, de 23 de junho de 2003, uma entrevista exclusiva, com o título *O Brasil está na fase de doente terminal, achando que vai dar tudo certo*, na edição nº 77, de 29 de setembro de 2003 e o artigo *O processo de mercantilização é antinatural* especialmente elaborado pelo professor para a edição da *IHU On-Line* sobre Karl Polanyi, de 27 de junho de 2005, nº 147. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ *Depois da Queda - A Economia Brasileira da Crise da Dívida aos Impasses do Real*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

mais assim. Temos uma moeda que, ainda que seja inconvertível internacionalmente, que é o real, junta as três funções básicas. O real serve para medir preços, para ser meio de pagamentos e é reserva de valor internamente. O capitalismo está tão “inovador” e fictício que até já se especula no exterior com o próprio real. Isso ocorre no jogo financeiro dos mercados derivativos dos grandes “players”, dos grandes atores mundiais. É claro que, se o turista brasileiro descer em Paris ou Nova York, e depositar uma nota de real na mesa de bar, o garçom vai chamar a ambulância ou o carro da polícia.

As empresas estão “muito bem, obrigado”!

Quarto ponto: as empresas brasileiras, tanto as nacionais quanto as multinacionais - grandes e média-grandes - que estão aqui dentro do País, estão muito bem, obrigado. Elas estão com seus balanços apresentando resultados muito bons, ganhando muito dinheiro. Todos esses quatro aspectos somados constituem um padrão de desenvolvimento *capitalista*, padrão que está funcionando. Essa história de dizer que não tem padrão de desenvolvimento **capitalista** é uma história velha, de economista que ficou “viúva” do desenvolvimentismo antigo.

As alternativas de saída

O que temos que fazer, em primeiro lugar, é compreender esse novo capitalismo que está aí, acoplado à globalização financeira, desde 1994, com a política de Fernando Henrique Cardoso e de Antonio Palocci. Em segundo lugar, para mudar isso, não temos que fazer (nuances e seqüenciamentos à parte) o que o Deputado Delfim Netto, os senhores das “Garças” (Arida²⁰, Bacha²¹ et alli) e até

²⁰ **Pérsio Arida**: economista, é um dos idealizadores do Plano Cruzado, em 1986, no Brasil, durante o

mesmo parte da “esquerda” estão a dizer: que basta corrigir a taxa de câmbio, corrigir o superávit primário e baixar a taxa de juros devagarzinho. Não é isso!

Aliás, um debate à parte seria sobre o pessoal que “fundou” o “socialismo macroeconômico”, segundo a ironia do José Luiz Fiori²². Em vez de discutir uma nova sociedade, ficam discutindo as casas decimais da meta inflacionária, do superávit e da taxa de juros.

Sugestões de mudança

É preciso colocar no centro o trinômio Investimento-Emprego-Distribuição (de Renda e de Riqueza). O início, por suposto, implica uma mudança negociada com o Poder nacional e internacional acerca de alterações substantivas em câmbio-juros e fisco. Aqui não são as casas decimais. É metamorfose mesmo. Por isso tem que negociar, pois do contrário vem, aí sim, o “Exocet²³”! Para isso mudar deve haver um programa de investimento público enorme, porém com responsabilidade fiscal. É preciso chamar o setor privado e propor a rediscussão de um programa de investimento público e privado. Temos que liberar os bancos públicos para financiar investimentos, porque eles estão travados pelo Fundo Monetário e pelo Banco Mundial. E travados pelo Tesouro Nacional do Ministério da Fazenda do Brasil. Tem que destravar. Os bancos públicos só podem emprestar até 45% do seu

governo do presidente José Sarney. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **Edmar Lisboa Bacha**: economista, é diretor do Instituto de Estudos de Política Econômica da Casa das Garças e ex-presidente do IBGE (1985/86). (Nota da *IHU On-Line*)

²² **José Luiz Fiori**: é cientista político. De Fiori reproduzimos o artigo *A Bolívia, Honduras e o resto do mundo*, originalmente publicado no jornal O Globo, nas *Notícias Diárias* de 26 de maio no site www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Arma de guerra**.

patrimônio líquido para o próprio setor público. Isso tem que mudar. O novo presidente, seja ele quem for, tem que rediscutir os critérios de investimento público, liberando espaço para o Brasil na STN, no BIRD, no FMI, nessa ordem. Mesmo que sigamos com um superávit de 3 a 4%, o que for investimento tem que sair da conta de despesa. Essa discussão chegou a acontecer, mas o que nós conseguimos de liberação foram só dois bilhões de dólares, o que é ridículo.

O centro: distribuição de renda e crescimento

Precisamos, além disso, colocar no centro da discussão o crescimento com distribuição de renda. Alguns caíram no falso juízo de que basta retomar o crescimento que depois, na seqüência, a gente vê o que faz com a questão distributiva etc. Não, eu penso que não mesmo! Nós já crescemos no passado, com Delfim Netto, que agora está pousando de neo-desenvolvimentista, sem que a população tenha se beneficiado rigorosamente do crescimento. Falo do Deputado Delfim apenas por ele servir de paradigma para economizar palavras e ficar logo claro qual é a crítica. Temos que discutir, ao mesmo tempo, crescimento e distribuição de renda e a meta histórica de superar o subdesenvolvimento. Esse é o ponto, a essência da argumentação.

IHU On-Line - Quais os maiores problemas que o senhor vê com a divulgação da idéia de que o pensamento dentro do Instituto de Economia tem uma posição única enquanto Instituto?

José Carlos Braga - Em alguns momentos do Brasil houve "naturalmente" uma posição única, porque eram momentos fortes e necessários como o da luta contra ditadura e o da reconstituição da democracia, após a queda da ditadura. Mas hoje em dia a discussão está em torno de qual tipo de programa de

desenvolvimento nós queremos. Então, as divergências se explicitam. Hoje, dentro do Instituto de Economia, temos diferentes visões. Como o Instituto sempre se pautou por um debate intelectual e político muito intenso, o que acontece hoje é que essas divergências evoluem e serão explicitadas publicamente. Eu tomei a decisão e alguns outros colegas também de explicitar publicamente essas opiniões. E isso é saudável. Mostra a força intelectual e política do Instituto.

As bases do Instituto de Economia

Porque nós somos uma escola de economia política cuja força teórica está calcada nos estudos de Marx²⁴, Schumpeter²⁵, Keynes²⁶, Celso Furtado, Caio Prado²⁷, Florestan Fernandes²⁸,

²⁴ **Karl Heinrich Marx** (1818 - 1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁵ **Joseph Alois Schumpeter** (1883 -1950): um dos mais importantes economistas do século XX. Nasceu no império Austro-Húngaro, atual República Checa, foi um entusiasta da integração da Sociologia como uma forma de entendimento de suas teorias econômicas (Nota da **IHU On-Line**)

²⁶ **John Maynard Keynes** (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e um artigo no **Cadernos IHU Idéias** número 37, de 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁷ **Caio Prado Júnior** (1907-1990): pensador e político, publica em 1942 sua obra mais importante, *A Formação do Brasil Contemporâneo*,

Sergio Buarque de Holanda²⁹, Conceição Tavares, e de todos esses autores que pensaram o capitalismo e a sociedade com muita força e liberdade intelectual. Creio que essa divisão de idéias é saudável. Porque o pensamento único emburrece. E a burrice não é privilégio nem da direita, nem da esquerda. Quando o pensamento vira único, a burrice toma conta. Eu vejo esse debate e essa explicitação pública como uma riqueza do nosso Instituto.

IHU On-Line - Por que o senhor considera discutível a afirmação de Ricardo Carneiro, quando ele diz que somos meramente produtores e exportadores de bens primários e não podemos nos conformar com isso. Que evidências empíricas

sofrendo perseguições devido ao seu alinhamento político com orientação comunista, tendo seu mandato cassado dois anos depois da publicação do livro. Seu livro criou, porém, uma tradição historiográfica no Brasil, identificada, sobretudo com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial. Essa obra foi apresentada no evento I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU, em 14 de agosto de 2003, pela professora Marica Eckert Miranda, da Unisinos, que concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* número 70, de 11 de agosto de 2003. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁸ Florestan Fernandes (1920-1995): considerado o pai da sociologia brasileira, tem como principal obra o livro *A revolução burguesa no Brasil*. Esse livro foi apresentado no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU, em 9 de outubro de 2003, pelo Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva, pesquisador na FEE, que concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* número 78, de 6 de outubro de 2003. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁹ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de "homem cordial", examinado nessa obra. A professora Dr.ª Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Idéias, de 22 de agosto de 2002, o tema "O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda" e no dia 8 de maio de 2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a *IHU On-Line*, publicada na edição nº 58, de 5 de maio de 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

existem no sentido de desmentir essa afirmação?

José Carlos Braga - Todas. O Brasil é um país que exporta aviões, celulares, automóveis, autopeças, etc. Sobre um país que tem esses itens de exportação não se pode dizer o que ele disse. Alguém da Unicamp tinha que dizer o contrário para não ficar parecendo que temos um "pensamento único e equivocado sobre um Brasil neo-primário-exportador". Aí foi a gota d'água! Tomei a decisão: o debate precisa deixar de ser interno à Unicamp. E o professor Ricardo que é um homem a favor do debate e, quero frisar, grande batalhador na evolução institucional da Unicamp, compreendeu meu posicionamento de forma civilizada como não poderia deixar de ser. Nós, além de produzirmos e exportarmos produtos primários, temos aumentado a nossa pauta de exportação de bens industrializados. Então, o professor Carneiro está equivocado.

IHU On-Line - O senhor fala da hipótese de que existe desde 1994, um novo padrão de desenvolvimento capitalista na economia brasileira coetâneo à globalização financeira. O que seria esse novo padrão de desenvolvimento capitalista tendo em conta a globalização ?

José Carlos Braga - Um padrão de desenvolvimento *capitalista* não pode ser confundido com processo de superação do subdesenvolvimento. O capitalismo não tem nenhum compromisso com a distribuição de renda, de riqueza, não tem nenhum compromisso com o pleno emprego. O capitalismo só tem um compromisso, como nós sabemos, que é com a geração de lucro. Deste ponto de vista, existe um novo padrão no Brasil. Com o real, foi resolvida a crise monetária. Foi fundada uma nova moeda, que cumpre as três funções básicas que eu citei antes. Quando essa moeda fraqueja, como fraquejou durante o governo FHC - 1998/1999, o FMI, os EUA, os países

desenvolvidos credores vêm e bancam essa moeda fazendo empréstimos em dólar. Mas, talvez, um dia os EUA e os outros não irão bancar. Por isso há um padrão instável e sujeito a crises, mas é um padrão. Eu diria que é um padrão do ponto de vista monetário, que é *neo-dependente-americano-associado*.

Privatizações e internacionalizações

Esse padrão também abarca a estruturação do sistema financeiro. Os bancos públicos estaduais foram privatizados. Poderiam em parte ter sido reestruturados e seriam mais um instrumento hoje a serviço do desenvolvimento. Hoje os bancos internacionais têm uma participação importante no sistema financeiro privado brasileiro, mas ainda não mostraram os benefícios prometidos. Poderão vir a fazê-lo num novo “modelo” de que falaremos à frente. Por outro lado, os bancos privados nacionais foram reorganizados e estão se mantendo muito bem e até comprando parte dos estrangeiros. E o sistema financeiro está pronto para financiar o investimento. O que falta é demanda, falta organizar publicamente o investimento estatal e privado com um determinado perfil de distribuição também.

Quem está bem e quem está mal nessa economia

As empresas que estão comandando essa economia estão muito bem. Quem não está bem nessa economia? São dois conjuntos importantes: as pequenas e média-pequenas empresas e a grande maioria da população. Mas, esta até que melhorou com as políticas sociais do governo Lula, o que não é suficiente, óbvio. Mas melhorou, a verdade é essa. As pessoas não querem reconhecer isso. Mas por que o presidente está bem, apesar dos problemas graves que o governo dele tem? Ele está bem porque está fazendo uma política de rendas que

está favorecendo o pessoal “de baixo”. As políticas sociais, como o bolsa-família, estão favorecendo. O povo não está “desavisado”. Se não estivesse a ser favorecido, o povo não estaria “direcionado” para o presidente Lula, apesar dos pesares. E bota pesares nisso!

As exportações evoluem bem

Outra característica do atual padrão: apesar de a taxa de câmbio estar valorizada, as exportações caminham muito bem no Brasil. Sim, é verdade que a explosão de crescimento internacional explica boa parte, mas é também porque as empresas brasileiras exportadoras e as multinacionais que estão no País, estão microeconomicamente preparadas para competir e têm uma certa estratégia de participação nos mercados tendo em conta a “divisão internacional de trabalho” em andamento. Por isso, elas exportam.

IHU On-Line - Quais as conseqüências de uma economia em que a taxa de câmbio é corrigida, a carga tributária reduzida, mas os juros praticamente não são reduzidos?

José Carlos Braga - Diante desse padrão que aí está, podemos usar de novo o “paradigma” Delfim Netto. Ele defende a redução da carga tributária, a correção da taxa de câmbio e a redução gradativa da taxa de juros. Quer reduzir gastos sociais para produzir superávit fiscal nominal para pagar juros e amortizar dívida pública! Quando diz isso é apenas para ajustar o padrão de desenvolvimento capitalista que acabei de descrever. E ponto final. Isso significaria aperfeiçoar esse padrão de desenvolvimento que está aí, padrão esse que é perverso do ponto de vista do conjunto da população. Dentro desse padrão a população fica a depender “eternamente” de programas como o bolsa-família. É um capitalismo, como

diz o economista José Roberto Afonso³⁰, do tipo Bolsa de Valores & Bolsa-Família. Não dá para continuar assim!

O projeto de desenvolvimento ideal

O conjunto da população precisa de um desenvolvimento do tipo idealizado por Celso Furtado que integre os âmbitos monetário-financeiro, produtivo-inovativo, distributivo, nacional e popular. Isso seria superar o subdesenvolvimento. Tão necessário quanto imensamente difícil. Fazer o quê? Continuar! Não se trata, portanto, de aperfeiçoar esse modelo que hoje existe. Nós temos que transformar esse padrão que aí está.

***IHU On-Line* - Então a melhor proposta de projeto de desenvolvimento para o Brasil de hoje seria o desenvolvimento furtadiano?**

José Carlos Braga - Ah, sim. É uma pena que ele já tenha ido, porque a esquerda está ainda por reformular uma proposta. Nós só temos tido propostas muito limitadas, como essa de aperfeiçoar esse modelo perverso neo-dependente-americano-associado. Mas, a Conceição Tavares tem organizado os Seminários do Centro Celso Furtado que têm levado adiante os debates e os ideais do mestre enquanto a história segue aberta.

³⁰ **José Roberto Afonso**, economista brasileiro(Nota da *IHU On-Line*)